

O TEMPO E ESPAÇO DAS AMAZÔNIAS

Patrícia Orfila Barros dos Reis¹

Ana Claudia Duarte Cardoso²



Figura 1 – Capa da edição de 2025, com o Relógio de Sol da FAU – UFGA, 2023. Imagem e capa: Bárbara Baleixe.

A Revista Amazônia Moderna inaugura sua edição de 2025 com a imagem emblemática do Relógio de Sol da FAU–UFGA (Figura 1), símbolo do tempo e do espaço múltiplo das Amazônia. A escolha não é fortuita: neste mesmo ano, o Brasil sediou pela primeira vez a mais relevante conferência internacional sobre o clima, a COP 30, organizada pela ONU e realizada em Belém, capital paraense. A capa, assinada por Bárbara Baleixe, traduz em forma e luz a urgência de pensar o presente e projetar o futuro da região, em diálogo com o mundo.

Este número reúne um conjunto plural de reflexões: cinco artigos, uma entrevista e

duas resenhas de livro e coletânea recentes. São contribuições que, cada uma a seu modo, ampliam o debate sobre arquitetura, urbanismo, memória e sustentabilidade,

¹ Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Editora Geral da Revista Amazônia Moderna
<https://orcid.org/0000-0003-4271-3298> | patriciaorfila@uft.edu.br

² Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Editora Adjunta da Revista Amazônia Moderna
<https://orcid.org/0000-0002-1866-453X> | aclaudiacardoso@gmail.com

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dez2025-9>



reafirmando o papel da revista como espaço crítico e interdisciplinar voltado à compreensão e transformação da realidade amazônica.

O trabalho intitulado “Fragmentação Territorial e Expansão Urbana: Elites locais e a formação do capital incorporador no sudeste do Pará”, de Raul da Silva Ventura Neto e Tatiana Chagas Prata, analisa a transformação socioespacial da Mesorregião do Sudeste do Pará desde os anos 1970. O estudo evidencia como políticas desenvolvimentistas e a expansão capitalista impulsionaram a fragmentação territorial e a urbanização, especialmente em Redenção. Destaca-se o papel da empresa Buriti Empreendimentos Imobiliários, formada por elites regionais oriundas do extrativismo e da agropecuária. A pesquisa, de abordagem mista, combina dados da Receita Federal e do Cadastro Ambiental Rural com revisão bibliográfica. Conclui que a especulação imobiliária reflete processos de acumulação primitiva e desigualdades socioeconômicas na região.

O artigo “Mobilidade Urbana Sustentável na Amazônia: Perspectivas da última década” analisa a evolução da mobilidade em Belém entre 2017 e 2025. No estudo, Nállyton Tiago de Sales Braga, Euler Santos Arruda Junior, Paulo Chagas Rodrigues, Douglas da Silva Barros e Regina Célia Brabo Ferreira aplicaram o Índice de Mobilidade Urbana Sustentável (IMUS) para modos não motorizados. Os resultados mostraram que, apesar da expansão da malha ciclovária, a conectividade permanece baixa e pouco representativa na rede viária. Os indicadores revelaram queda no índice de mobilidade sustentável, mesmo diante de investimentos públicos. Os pesquisadores concluem que as medidas adotadas foram insuficientes para alcançar níveis adequados de mobilidade urbana sustentável na maior cidade da Amazônia.

O artigo “Pavimentação drenante com resíduo de construção civil para centros urbanos na região amazônica” avalia a viabilidade técnica e ambiental do uso de agregados reciclados de concreto em pavimentos permeáveis. O estudo analisou resistência mecânica, permeabilidade e realizou uma Análise de Ciclo de Vida (ACV) segundo normas ISO. Os resultados indicaram redução da permeabilidade após 24 meses, sem diferenças significativas entre agregados naturais e reciclados. Apesar do

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dez2025-9>



maior consumo de cimento, verificou-se expressiva redução no uso de matérias-primas não renováveis. Conclui-se que parâmetros ambientais globais devem ser considerados na adoção de agregados reciclados em concretos permeáveis, conforme demonstram Nállyton Tiago de Sales Braga, Euler Santos Arruda Junior, Márcio Santos Barata e Luciana de Nazaré Pinheiro Cordeiro.

O artigo “Preservar para conhecer: a importância da memória no estudo da linguagem neocolonial em Belém-PA”, de Felipe Moreira Azevedo e Cybelle Salvador Miranda, analisa a arquitetura neocolonial como documento histórico e cultural. A pesquisa, baseada em entrevista com moradora do bairro de Nazaré, destaca o papel da memória individual e coletiva na preservação das edificações. Mostra como intervenções arquitetônicas refletem transformações sociais e econômicas, sem apagar totalmente os traços originais. Ressalta a importância de compreender a arquitetura como artefato cultural e testemunho da história paraense. Conclui que preservar é essencial para manter viva a memória urbana e fortalecer a identidade coletiva.

Em “O Paradoxo entre o Visível e o Invisível: Caminhos e descaminhos na construção identitária do Hospital da Ordem Terceira na Amazônia”, Tirza Soares Santos e Cibelly Alessandra Rodrigues Figueiredo, analisam a trajetória histórica do hospital franciscano em Belém. A pesquisa mostra como a instituição, fundada no século XVII como enfermaria, tornou-se o hospital mais antigo da cidade ainda em funcionamento. Destaca a influência portuguesa e franciscana na arquitetura assistencial e nas práticas de saúde do Pará. O estudo evidencia as transformações arquitetônicas e sociais que marcaram o hospital ao longo dos séculos. Por fim, discute os fatores que levaram à invisibilidade da instituição, apesar de sua relevância histórica e comunitária.

A entrevista conduzida por Patrícia Orfila Barros dos Reis com o arquiteto e urbanista José de Andrade Raiol destaca sua trajetória marcada pela valorização da cultura amazônica. Raiol defende uma arquitetura moderna sem perder as raízes regionais, criticando a submissão a padrões estrangeiros. Ele relembra influências de

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dez2025-9>



nomes como Milton Monte e Lelé, além de experiências internacionais recentes. O arquiteto enfatiza o uso da madeira como material sustentável e a importância da alegria cultural na arquitetura. Também comenta suas expectativas para a COP30 em Belém, ressaltando a necessidade de unir modernidade e identidade local.

A resenha escrita por Fabiana Scoleso, *Amazonicidades: ciência, território e agendas públicas para o futuro da Amazônia*, apresenta a coletânea *Amazonicidades*, organizada por Ana Claudia Duarte Cardoso e José Carlos Matos Pereira. Os três volumes discutem urbanização, políticas públicas, vulnerabilidades e identidades na Amazônia, com enfoque crítico e interdisciplinar. A obra reúne 111 pesquisadores de 39 grupos do CNPq, fortalecendo a produção científica enraizada na região. Publicada durante a COP-30, destaca a centralidade da Amazônia nos debates globais sobre clima e justiça social. Mais que acadêmica, a coletânea é um marco político e científico para repensar o direito à cidade e agendas públicas inclusivas.

A resenha intitulada "Representação do espaço", "espaço de representação" e atividades terciárias em Palmas (TO), escrita por Ricardo Alexandre Paiva, analisa o livro de Roberto de Almeida Bottura. O livro, *Vida cotidiana, diversidade e urbanidade: fissuras e desvios promovidos pelas atividades terciárias em Palmas (TO)*, discute o papel do setor terciário na formação urbana da capital planejada. Paiva destaca a crítica de Bottura ao urbanismo moderno e às contradições entre cidade ideal e cidade real. A obra evidencia como comércio, serviços e lazer ressignificam o cotidiano e promovem urbanidade em Palmas.

O ensaio "O Brutalista: Será a memória a matriz da beleza?", de Cybelle Salvador Miranda, reflete sobre a relação entre memória, estética e arquitetura moderna. A autora parte do filme *O Brutalista* (2024) para discutir como a arquitetura pode ser receptáculo de memórias coletivas e traumáticas. Analisa a trajetória de Roberto de La Rocque Soares, pioneiro da arquitetura no Pará e autor da Casa Brutalista, demolida em 2016. O texto aborda o apagamento das arquiteturas modernas em Belém e a dificuldade de preservação patrimonial. Conclui que a

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.dez2025-9>



memória estética é essencial para compreender a beleza e os valores arquitetônicos transmitidos às futuras gerações.

Encerramos esta edição reafirmando que a realização da COP 30 em Belém não foi apenas um marco histórico para o Brasil, mas também um chamado urgente à reflexão e à ação. Ao colocar a Amazônia no centro das discussões globais sobre clima e justiça social, a conferência evidenciou que o futuro do planeta depende diretamente da preservação e do manejo sustentável deste território singular. A Revista Amazônia Moderna assume, assim, o compromisso de seguir como espaço crítico e interdisciplinar, capaz de articular ciência, cultura e sociedade em torno dos desafios que emergem da Pan-Amazônia. Que este momento de visibilidade internacional se traduza em políticas concretas, em práticas urbanas e arquitetônicas responsáveis e em uma valorização contínua das identidades locais. A COP 30 nos lembra que pensar a Amazônia é pensar o mundo e que o tempo e o espaço das Amazônias são, cada vez mais, o tempo e o espaço da humanidade.

Boa leitura e um feliz 2026!

Patrícia Orfila Barros dos Reis

Ana Claudia Duarte Cardoso

Editoras